

## Diásporas académicas: estudantes angolanos no ensino superior português

Margarida Lima de Faria  
Instituto de Investigação Científica Tropical  
margaridalf@iict.pt

**Resumo:** A globalização tem sido o motor de novas formas de mobilidade. Uma das que tem vindo a adquirir maior expressão, pela densidade de indivíduos que mobiliza e pelos ambientes de circulação que proporciona, é a das diásporas estudantis, sobretudo as que têm por móbil a frequência do ensino superior.

Este novos terrenos diaspóricos são especialmente interessantes pela forma como se constituem como configurações sempre novas, e de certo modo imprevisíveis. Nesta comunicação, tendo por base entrevistas a estudantes angolanos que frequentam o ensino superior português, procurar-se-á interpretar as situações agenciais que determinaram a saída do país, por relação com as situações estruturais que definem a sua integração em Portugal. Quanto às primeiras procurar-se-á a sua explicação nas histórias de vida e estratégias destes indivíduos e das suas famílias, em particular nas que envolveram o investimento em capital escolar; quanto às segundas analisar-se-ão as políticas de cooperação de Portugal na área do ensino, sobretudo as dirigidas a estudantes dos PALOP e o seu enquadramento no campo mais vasto da recepção de estudantes estrangeiros.

Palavras-chave: mobilidade, juventude, ensino superior, cooperação, Angola, Portugal

### Introdução

O desafio deste estudo, sobre estudantes angolanos inscritos no ensino superior português, foi-me proposto pela Ana Bénard da Costa<sup>1</sup>, como forma de ampliar o campo das investigações sobre estudantes da CPLP e das políticas portuguesas de cooperação na área do ensino superior. Não tendo grande material teórico-empírico por onde começar, saí de imediato para o "terreno" procurando, nos percursos de vida de estudantes angolanos a frequentar o ensino superior português, matéria de reflexão sustentada pelos modelos da sociologia, minhas ferramentas de análise.

Realizei uma série de vinte entrevistas a jovens angolanos em Lisboa e no Porto partindo de um guião relativamente aberto, idêntico ao utilizado no estudo de estudantes moçambicanos (Costa 2008a e Costa 2008b), guião que se foi construindo e reconstruindo à medida que as conversas com os jovens angolanos foram trazendo novos contributos. As entrevistas incidiram sobre indivíduos maioritariamente entre os 25 e os 33 anos (8 do sexo feminino e 12 do sexo masculino), logo tendo nascido após a independência. A amostra foi definida de forma espontânea a partir de contactos sugeridos pelos próprios entrevistados.

Deste primeiro contacto com os percursos de vida destes vinte estudantes, destaquei cinco temas de análise:

- o problemática da mobilidade, em particular da mobilidade espacial;
- o confronto entre projectos individuais e condicionantes estruturais (históricas) de acção;
- a construção de uma identidade diaspórica e os suportes valorativos (assim como os interditos) que lhe servem de alicerces;
- o valor atribuído ao capital escolar na construção de trajectórias familiares;
- a representação de "elite" e a visão que estes jovens têm do futuro, sobretudo quanto ao retorno ao seu país, obtido o diploma.

Nesta comunicação deixarei de parte, devido a exigências de gestão de espaço e tempo (e porque a elas já me referi noutros contextos Faria 2008a e Faria 2008b), a problemática da importância atribuída ao capital escolar (aqui apenas aventada aquando da discussão da construção das identidades angolanas e estudantis em Portugal), assim como a da representação de "elite" (também referida de forma apenas superficial quando abordo a problemática do retorno).

### 1. A mobilidade espacial enquanto parte de um processo de individualização

Os processos da acção humana realizam-se num diálogo permanente entre as possibilidades de criação individual e os contextos que as condicionam. A mobilidade, seja qual for o seu motivo, põe radicalmente em confronto estas duas dimensões. Daí ser um tópico recorrente nas discussões sobre a contemporaneidade e a sua dimensão crescentemente global.

A mobilidade espacial parte de um desassossego; tem em si alguma dose de criatividade; parte de uma invenção de sentidos que se constrói à revelia dos quadros rígidos (que definem as trajectórias das maiorias); põe em causa a estabilidade operativa, a regularidade dos comportamentos colectivos, que durante tempos atraiu, por isso mesmo, os criadores dos modelos teóricos de que se alimentaram, durante todos esses anos, as teorias sociais. É esse seu pendor anti-sistémico que a torna particularmente interessante. Escolhem-se caminhos novos, fugindo aos caminhos velhos. Fazem-se esses novos caminhos caminhando, vão-se criando paisagens humanas sempre diversas.

<sup>1</sup> Na altura (e hoje ainda) a investigar problemáticas semelhantes relativas a estudantes moçambicanos (Costa 2008a, 2008b)

Porquê a importância atribuída à questão da mobilidade local no presente estudo? Para além de ser um tópico incontornável quando falamos em diásporas estudantis, as histórias destes jovens e das suas famílias estão surpreendentemente repletas de eventos de deslocação – que cruzam várias gerações e atravessam o período colonial e pós-colonial – sobretudo por:

- i motivos profissionais,
- ii educacionais
- iii razões de segurança.

Os motivos profissionais referem-se em grande parte ao período colonial e às errâncias impostas pelo funcionalismo do Estado (professores, enfermeiros, militares);

“O meu pai era enfermeiro e, prontos ele viajava de Luanda a Malange, naquela linha, e umas vezes estava destacado no Cuanza Norte, outras vezes em Malange outras vezes em Luanda [...] Portanto, (ri) como enfermeiro onde ele se instalasse, e não se instalava por pouco tempo eram 2, 3 anos, ele à maneira de bom africano ali constituía família, de maneiras que acho que ele foi muito inteligente, resolveu parar de ... digamos de constituir família para qualquer lado que fosse, e então instalou-se em Luanda arranhou uma esposa definitiva, e juntou todos os filhos de maneira que nós somamos treze ou catorze na mesma casa, acho que foi muito lindo, foi muito lindo ... [...] e com uma boa gestão dos rendimentos nós tínhamos o suficiente para estudar, pôs todos os filhos na escola.” Sexo masculino – 46 anos – doutorando – entrevista 8.

Os motivos educacionais são particularmente tocantes pois há, nas narrativas destes estudantes, histórias de deslocação no período da infância, sobretudo de zonas rurais para zonas urbanas, para prosseguir a instrução primária que a guerra interrompeu, correspondendo a um esforço notável quer das próprias crianças quer das suas famílias.

“Fiz o ensino primário um bocado dividido entre Bologongo e Dalatando. Portanto a iniciação, a pré até à terceira classe fiz em Dalatando, a quarta comecei em Bologongo e depois terminei em Dalatando. Foi assim porque a situação de guerra agravou-se, e depois continuei em Dalatando até à sétima classe. Depois fui para Luanda por causa da guerra outra vez. Dalatando tinha sido tomada pela UNITA, então fiz a oitava classe em Luanda, depois voltei para Dalatando porque a situação em Luanda era muito difícil para nós.” Sexo masculino – 25 anos – mestrado – entrevista 7.

“Depois da morte do meu pai em Malange durante a guerra civil, outros elementos da família tentaram dar continuidade ao seu projecto de educação dos filhos, no meu caso fui educada por uma tia materna que era simultaneamente minha madrinha.” Sexo feminino – 45 anos – doutoramento – entrevista 1.

Os motivos ligados à segurança envolvem deslocações para fora de zonas de guerra e, como veremos mais adiante, temporariamente, para Portugal.

“A minha avó, quando houve lá os conflitos em Angola – a minha avó da parte da mãe – veio para cá [Portugal] e deixou a minha mãe com o meu avô lá que entretanto arranhou outra mulher. E, prontos, a minha mãe não teve assim uma infância muito fácil e tal... teve muitas madrastas. Uma das coisas porque ela deixou de estudar é porque tinha de cuidar das irmãs.” Sexo masculino – 23 anos – licenciatura – entrevista 18.

“Primeiro fiquei em casa de uns primos de quem eu não gostava e fiquei dois anos com eles fiz o 10º e o 11º ano fui viver para casa da minha avó que foi uma experiência muito má.” Sexo feminino – 21 anos – licenciatura – entrevista 12.

O envio de muitos jovens rapazes, no período da guerra, para estudar no estrangeiro (nomeadamente em Portugal) tem ainda a ver com o imperativo de evitar que fossem recrutados para o serviço militar.

Se de um lado a paz [nos poucos anos que se seguiram a 1991] incentivou também a procura de instrução escolar dentro do país, eu diria que o reinício e posterior alargamento das actividades bélicas, multiplicaram e reforçaram ainda mais essa prática só que desta vez para fora do país, principalmente entre os jovens que procuravam a todo o custo sair do país como forma de salvaguardarem as suas vidas e os estudos, longe do cenário amedrontador das constantes rusgas no dia-a-dia. José Manuel Gomes, 2002 :3.

## ***2. Agência e estrutura: dois conceitos base na análise das mudanças sociais***

Todas as análises biográficas (sucessão de situações agências) devem ter em conta os contextos mais longos e amplos de transformação das estruturas sociais (entendidas quer enquanto sistema de regras quer enquanto conjunto de recursos disponíveis); aquelas (as situações individuais) que surgem pela conjunção de situações de um tipo substancialmente distinto mantêm com estas (as situações estruturais) uma relação de dependência e de enquadramento. José Machado Pais refere-se a esta inevitável ligação na sua introdução à análise das culturas juvenis, no contexto português.

Toda a tentativa de periodização de uma trajectória (ou de um feixe de trajectórias) deve ter em conta duas ordens de acontecimentos distintos, mas relativamente dependentes: acontecimentos históricos, que pautam a evolução das estruturas sociais, e acontecimentos individuais, que balizam os diferentes percursos constitutivos de uma trajectória biográfica (mas cujas regularidades reflectem a história das estruturas sociais). José Machado Pais, 2003: 43.

Quando relacionamos decisões individuais que determinam decisões de mobilidade, com os contextos nos quais estas têm lugar, estamos a referir-nos inevitavelmente a questões de agência e estrutura, conceitos teórico-filosóficos que atravessam, de alguma forma, todas as teorias sociais.

As escolhas individuais, que decidem a deslocação, correspondem ao que Norbert Elias (1993) designa por “processos de individualização” ou processos através dos quais os indivíduos criam as suas próprias biografias, adequando, no entanto, os seus comportamentos e acções, aos ambientes sociais onde se vão, em cada situação (ou configuração<sup>2</sup>), enquadrando. Esses “processos de individualização” que afastam os indivíduos dos seus contextos originais (sociais, culturais, temporais e espaciais) são, para este autor, tanto mais necessários quanto maior a densidade das relações sociais e mais amplas as cadeias de interacção em que se envolvem. Segundo Elias, estes processos iniciam-se, historicamente, com a deslocação de indivíduos de zonas rurais para zonas urbanas. Esta dicotomia rural/urbano facilmente se converterá nesta outra: deslocações de zonas do mundo periféricas para zonas do mundo centrais. Segundo Elias, o processo de deslocação é acompanhado por um processo de crescente distanciação.

A sua anterior integração inevitável e perpétua na família, no grupo de parentesco, na comunidade local e outros colectivos deste tipo, a adequação do seu comportamento, dos seus objectivos e das suas ideias à vida em tais colectivos e a sua natural identificação com estes, é cada vez menor. Norbert Elias, 1993: 144.

As sociedades modernas definem-se deste modo, cada vez mais, pela existência de sujeitos em processo (de autonomia) pelo alargamento das “possibilidades de individualização”, ou alargamento de possibilidades de escolha, que se decidem a uma escala cada vez mais global; a deslocação para a prossecução de estudos, é disso exemplo paradigmático posto que se insere no debate mais geral sobre o investimento educativo no contexto da transnacionalização (Pinto, 2007: 116) correspondendo à crescente importância atribuída ao lugar da escola e do conhecimento; à crescente importância conferida ao campo educativo nos processos de desenvolvimento e crescimento económico dos países, e até mesmo no diálogo que estabelecem entre si, no palco global.

O nosso pressuposto teórico é o de que as possibilidades de escolha e as decisões de deslocação de jovens para a prossecução de estudos avançados, se encontram numa zona de confluência entre agência e estrutura sendo, por isso, especialmente úteis na caracterização dos cenários sociais particularmente dinâmicos, que definem os acontecimentos históricos mais recentes de Angola. A história recente da sociedade angolana, reflecte a construção desse crescente espaço de “individualização”, num primeiro momento pós-colonial – a partir do qual se abriram novas possibilidades (ainda que reguladas pelo Estado) para os grupos de indivíduos mais subalternizados pela sociedade colonial; e logo no período pós-socialista ou de crescente liberalização económica (abrindo-se mais à iniciativa individual e envolvendo estratos mais amplos da sociedade). Assim, com o atenuar da regulação estatal, nas últimas décadas da história angolana, e com a conseqüente liberalização do sistema político e económico, a responsabilidade das famílias, nas escolhas das trajectórias educativas dos seus filhos, tem vindo a reforçar-se, sobrepondo-se à regulação estatal. Ou seja, num Estado que se vai configurando como progressivamente liberal, os capitais económico e escolar dos grupos familiares, que definem a sua “possibilidade de individualização”, vão concomitantemente adquirindo crescente importância na concretização das estratégias reprodutivas das mesmas.

### **3. Situações agenciais: a escolha de Portugal como país de ensino**

Ser jovem é encontrar-se numa fase da vida em que mais escolhas são possíveis. Ou seja ser jovem é, como refere Machado Pais no seu estudo sobre culturas juvenis, vivenciar um processo, uma sequência de trajectórias biográficas que se desenrolam entre a infância e a idade adulta (Pais, 2003).

Uma trajectória biográfica pode ser descrita como um conjunto de percursos ao nível de diferentes quadros institucionais, de diferentes espaços sociais, eles mesmos em constante mudança. José Machado Pais, 2003: 43.

São os jovens, ou jovens adultos, que no contexto da liberalização económica melhor têm demonstrado a sua capacidade de adaptação, a sua capacidade de circulação e de estabelecimento de ligações entre locais, através do espaço transnacional. (Comaroff & Comaroff, 2005). Ser jovem num país africano “jovem”, recentemente pacificado e democratizado, e em franco crescimento económico, significa ter possibilidades acrescidas de inventar um futuro para si próprios.

Na maioria das situações, as decisões de partir ocorrem, não porque se idealize o país de destino, mas porque não se encontram condições de realização pessoal, de individualização, no país de origem. Ainda que não estejam totalmente definidas à partida as lógicas que determinam estas diásporas estudantis, não existindo uma causalidade fechada entre os pontos de partida e os locais para onde os indivíduos se direccionam. Contudo, espera-se e deseja-se que se vão definindo as lógicas da sua boa integração nas sociedades receptoras, sobretudo ao nível dos ambientes académicos.

Portugal é um dos países escolhidos. É escolhido, independentemente das políticas de cooperação na área do ensino que são frágeis e, como veremos, pouco facilitadoras de um bom acolhimento. Entre Portugal e Angola, no período pós-colonial (fruto das velhas ligações coloniais), mantiveram-se, contudo, como vimos, “pontes” que tiveram várias significações em diferentes momentos recentes da história dos dois países. Para a geração dos estudantes angolanos, hoje inscritos nas universidades portuguesas, Portugal é um país para onde se vai quando se complicam as situações de vida, porque já se esteve lá, ou porque parte da família já lá passou uma temporada, muitos deixando algumas infra-estruturas

---

<sup>2</sup> Outro conceito chave de Norbert Elias.

montadas. Mais do que ruptura, há na maioria das situações uma continuidade entre a história destes jovens e a dos seus antecessores.

“Porque nós tínhamos uma casa em Luanda, mas tínhamos já uma casa a comprar cá em Portugal todos os meses mandava-se a renda porque o meu pai é Português, o meu pai em Angola era residente estrangeiro, portanto era daqueles portugueses que tinha conta em Portugal, mandava aquele x por mês para Portugal, sempre com aquele objectivo de um dia voltar, mas teve de voltar mais cedo, pelos contextos sociais que o país vivia na altura, então tivemos que voltar mais cedo, mas como tínhamos a casa as coisas proporcionaram-se... viemos, ficamos na nossa casa.” Sexo feminino – 23 anos – entrevista 4.

Uma grande parte dos pais dos jovens entrevistados prosseguiram o ensino para além da formação básica tendo esta situação correspondido ora a uma tradição familiar ora ao esforço de educação-para-todos do período pós-independência.<sup>3</sup>

Portugal é, deste modo, antes de mais uma “escolha” de um certo tipo social de estudantes de ambições médias, e para quem o capital escolar herdado é importante (seja ele de longa ou recente constituição). A escolha de Portugal como país de formação, enquadra-se numa estratégia de reprodução das famílias que procuram, por intermédio dos filhos, melhorar a sua posição pela manutenção ou reforço desse capital.

O ensino em Portugal goza ainda, para estas famílias, de algum prestígio, relacionado com alguma familiaridade cultural das famílias angolanas com a lógica de ensino ministrado por este país, com o qual partilharam afinidades políticas e culturais durante um tempo longo; por outro lado, existem representações de prestígio, miméticas, associadas à formação de protagonistas das política nacional portuguesa, do Portugal democrático, que vêm reforçar esse sentimento de familiaridade, dando segurança aos estudantes e às famílias.

“O ISEG acho que é uma das melhores faculdades de economia que há em Portugal, tem nome no mercado, de cá saíram muitos líderes portugueses como o Cavaco Silva, por exemplo. tem nome!” – Sexo masculino – 23 anos - licenciatura- entrevista 11.

Os factores que mais parecem influenciar esta escolha são, deste modo, para além dos se ordem histórica, de ordem linguística, económica, afectiva e cultural:

facilidade linguística (ainda que, como veremos, este seja também o factor de ponderação negativa dado que a escolha também poderá incidir, pelo contrário, em países anglófonos);

existência de laços familiares, ou mesmo inserção dos estudantes no seio de parte da sua família alargada, com benefícios económicos óbvios<sup>4</sup>;

(ii) representação do ensino em Portugal como sendo de qualidade;

Sendo este um mercado aberto, Portugal compete contudo, com outros países como é o caso da Inglaterra, dos Estados Unidos, do Brasil, da África do Sul (entre outros)<sup>5</sup>.

Alguns definem essas opções como obedecendo a “ondas”, ou “modas”, de dimensão simultaneamente temporal e de “classe”.

“Eu vim para cá e fui uma das primeiras estudantes de Lubango a vir para cá, da nossa escola, e este ano, só para ter uma ideia, vieram uns cinco ou seis estudantes, de uma vez. Ou seja em princípio evoluiu a vinda para cá. Mas com a abertura dessa nova faculdade lá, e com a África do Sul a ficar mais atractiva, falam inglês, as pessoas pensam: fazer uma licenciatura mas falando já inglês já é uma vantagem, mais acrescida. É preferível do que vir cá para Portugal. Depois a África do Sul é um país que é relativamente desenvolvido. Até se compararmos com Portugal até não está assim muito distante. Até se calhar até está superior em algumas coisas, não é? Por isso é uma boa aposta e normalmente as pessoas vão para a África do Sul”. Sexo feminino – 21 anos – Licenciatura – entrevista 12.

#### ***4. Ser jovem e angolano em universidades portuguesas: representações de si/representações dos outros (Angolanos, PALOP, estrangeiros, estudantes)***

Em Angola os projectos de vida dos jovens tiveram de se adaptar às transformações que têm levado à transição de um sentido colectivista a um sentido mais pragmático e individualista. Do serviço do Estado caminha-se a passos largos para o serviço de si. As socializações juvenis que já tiveram um enquadramento político, relativamente rígido, tendem hoje para um enquadramento mais cultural e social.

A pesquisa empírica, que serviu de suporte a esta reflexão, revelou como esses jovens angolanos se apegam a representações de “si” por relação com “outros” jovens angolanos ou por oposição a outros jovens do mundo académico português; representações que conferem sentido ao seu projecto de vida. Esta constatação vem sublinhar a formulação de Machado Pais ao propor que se olhe a juventude numa dupla acepção:

Como aparente unidade (quando referida a uma fase da vida) e como diversidade (quando estão em jogo diferentes atributos sociais que fazem distinguir os jovens uns dos outros). José Machado Pais, 2003: 42.

<sup>3</sup> Esta distinção que classifica o conjunto de jovens entrevistados já foi por mim discutida noutra artigo (Faria 2008b).

<sup>5</sup> De acordo com a leitura dos próprios estudantes entrevistados.

Ser estudante universitário em Portugal corresponde para estes jovens angolanos a um investimento em capital escolar que valorizam como “seu” e que os distingue de outros jovens angolanos, que ficaram no país, aos quais atribuem uma ética hedonista de vida visível nos seus hábitos de lazer e reflectindo-se no seu fraco aproveitamento escolar.

“São pessoas que como o pai tem muito dinheiro acham que não vale a pena estudar, não valorizam muito os estudos. E não tiveram aquela força de vontade de vir para cá estudar. Acho que aqueles que os pais têm assim menos posses são os que estão mais interessados em estudar. Depois [“os outros”] acabam por ficar meio limitados porque não podem ir muito além”. Sexo feminino – 21 anos – Licenciatura – Entrevista 12.

“As pessoas ali ... não gostam muito de estudar... é mais vida de discotecas, a educação ainda não é muito valorizada e depois normalmente as pessoas que têm o curso normalmente não conseguem emprego... quem consegue são os amigos do fulano ... ou sobrinhos do ... pronto alguém conhecido ... é sempre por cunhas. Mas eu achava que não é bem assim, o meu pai também disse-nos que não é bem assim, que as pessoas quando têm os estudos conseguem chegar a algum lado e eu então fiz mesmo força que queria vir para cá e vim para cá com 15 anos.” Sexo feminino – 23 anos - entrevista 12.

Ser jovem angolano em Portugal corresponde, deste modo, a um tempo de passagem em que a consciência de si se constrói todos os dias. Significa enfrentar preconceitos raciais, desconfianças sobre as suas competências e, em suma, representações coloniais e folcloristas de “África”.

“Sim, os colegas portugueses ficaram surpresos, por acaso. Eu tinha excelentes notas e eles não estavam à espera, acho eu ... Mesmo os colegas diziam “mas tu vens de Angola e como é que consegues ter essas notas?” ... Eu estudo, é só isso... As pessoas não fazem a mínima ideia do que é África, às vezes... Nem todas, mas muita gente da nossa idade, os estudantes não fazem a mínima ideia do que é o outro continente, a mim perguntavam-me se eu vivia em cima das árvores, se vivíamos com elefantes, eu dizia: “mas você não vê o telejornal?”, não é? Sexo feminino – 23 anos – entrevista 12.

Significa que, por isso mesmo, se orgulhem da sua identidade.

“E parece que eu às vezes gosto... gosto de adquirir aquele sotaque, de usar aquelas expressões nossas, e pronto... é uma questão de identificação com a nossa origem...” Sexo feminino – 23 anos – entrevista 4.

Estamos aqui perante o que Stoer e Araújo definem como a “construção activa de sentido” que permite a integração do indivíduo numa determinada comunidade cultural (Stoer e Araújo, 1996: 89). Os contextos de socialização destes jovens, na sua maioria entregues a si próprios e tão longe de casa, agregam indivíduos que se definem através da exibição de condutas, valores e de auto-imposição de certos interditos. As formas de lazer que referem com maior entusiasmo são as que pressupõem práticas de saída (ainda que reajam mal ao clima português, por quase todos referido, com desgosto, como frio e chuvoso). Há lugares de encontro fixos: é o caso do Centro Comercial Colombo e de algumas discotecas “africanas”. Outros espaços de convívio são os lares ou habitações, normalmente apartamentos em zonas periféricas das principais cidades, cujo modo de utilização de-portas-abertas contribui para a sua identificação como “africanos”.

Ser estudante angolano em Portugal constitui-se, ainda, como um modo de vida que os distingue dos estudantes portugueses a braços ainda com o lastro da adolescência e gozando de solidariedades familiares, de vizinhança e comunitárias assim como de proximidades afectivas, territoriais de que eles carecem. A vinda para Portugal parece constituir, para estes jovens, tanto um espaço de regulação como de emancipação. No esforço de se afirmar como diferentes, e de construir identidades de reconhecimento, definem os jovens portugueses como não tendo perfis éticos “à altura”, como abusando de liberdades, como não possuindo sistemas de auto-controlo.

“Eu vejo que aqui o excesso de liberdade subverteu alguns valores! Valores morais, valores da própria ética, não é? E que a juventude portuguesa, não é? É um facto que eu pude constatar, a juventude portuguesa... esta geração pelo menos, não tem nada a ver, nada mesmo a ver, são... pessoas completamente liberais e que simplesmente fazem o que querem! Sem prestar contas a ninguém! Que é uma coisa que não sucede em Angola. Eu vou colocar-lhe o simples facto do fumo, aqui eu encontro meninos de 12 e 13 anos a fumar – em Angola isso é impossível!” Sexo masculino – 25 anos – entrevista 13.

Se os jovens constituem os seus modos de vida a partir do triângulo família-comunidade-escola (Pais, 2003) no caso dos estudantes da diáspora, a família é um suporte fraco. É por isso sobretudo em torno da vida académica e de uma comunidade que descobrem e constroem com base em afinidades várias (angolanas, africanas, estrangeiras), que investem as suas sociabilidades.

De facto, para a generalidade dos jovens, os amigos de grupo constituem o espelho da sua própria identidade, um meio através do qual fixam similitudes e diferenças em relação aos outros. José Machado Pais, 2003: 115.

Esta experiência de alteridade é também referida por Ana Bénard da Costa na análise que faz da vivência identitária de estudantes moçambicanos em Portugal.

“Para muitos deles, esta vivência em Portugal é também uma nova vivência de si próprios, na medida em que tomam consciência daquilo que os distingue dos muitos “outros” com os quais interagem.” (Bénard da Costa, 2008a).

Quanto aos estudantes da sua geração a estudar no estrangeiro, o grupo em relação ao qual têm maior necessidade de se afirmar como diferentes, é o das famílias que, possuindo grandes volumes de capital económico, entendem o capital escolar como ocupando uma posição marginal na educação dos seus filhos. Nesta comparação, para além das vantagens simbólicas relativas à posse de diplomas, atribuem a si próprios, valores distintivos de coragem e de esforço.

##### ***5. Condições estruturais. Condições de recepção e acompanhamento destes estudantes: políticas portuguesas de integração de estudantes da CPLP***

Para além do seu papel histórico que assume de forma muitas vezes exageradamente instrumental usando e abusando de designações como a de Lusofonia, com fraco valor heurístico, em que medida Portugal não será, hoje e cada vez mais, um lugar no mundo cujos limites territoriais dificilmente controlará: um país Europeu inserido em redes que dão acesso a outro tipo de oportunidades: redes de informação, redes cosmopolitas onde se cruzam as mais diversas experiências de mobilidade?

Portugal situa-se numa nova posição geo-estratégica, semi-periférica, tendo, na segunda metade da década de 1990, reencontrado, e reconfigurado, o seu posicionamento relativo no quadro Europeu comunitário, conferindo-lhe, esta situação, novíssimas possibilidades de usufruir de novas ligações políticas, económicas e educacionais.

Em termos das suas políticas de cooperação internacional para o ensino superior, é hoje, com o tratado de Bolonha, sobretudo um país da Europa. Uma Europa que aposta na mobilidade e equidade do ensino dos seus membros; mas, em simultâneo, um país da CPLP no interior do qual circulam estudantes dos países de influência linguística portuguesa. No entanto, se se atender à afluência de estudantes estrangeiros, é bem mais importante, e duradoura, a pressão para a integração dos da CPLP, do que propriamente para a recepção dos que vêm por intermédio de programas europeus, permanecendo em Portugal apenas um ou dois semestres. No entanto, o esforço de integração transversal, desses programas europeus (como é por exemplo o caso do Programa Europeu Erasmus), e a facilitação burocrática no ingresso dos seus estudantes, pela abolição das fronteiras no Espaço Schengen, apenas vem acentuar o desequilíbrio entre estes dois mundos de imigração estudantil, ao beneficiar os primeiros (os Europeus) em detrimento dos segundos (os da CPLP).

O maior problema dos estudantes universitários angolanos é a obtenção de visto. O visto para estudar é um processo penoso e alvo de todo o tipo de negociações. Ir ao consulado português em Luanda é uma espécie de via-sacra, que vai prosseguindo de fila em fila, de documento em documento.

“Vim com um visto de turista de 3 meses, eles passaram-me o visto de 3 meses apesar de eu vir fazer o curso de 3 anos, o que foi um erro... lá no SEF eles complicaram um bocadinho a entrada... “como é que tu vens para um curso e tens aqui isto tudo e vens com um visto de turista? não pode... um indivíduo com visto de turista não pode exercer qualquer actividade ligada a este ramo. E se eu te mandar para trás, quem se vai responsabilizar por isso?”... mas pronto, fiz amizade com um indivíduo português no avião, e ele ficou assim à porta à espera de mim... “se houver algum problema, eu assumo a responsabilidade e tu entras na mesma”... e pronto, o homem do SEF lá foi simpático e deixou-me entrar... acontece que o primeiro passo foi o de renovar o visto, e cometi o erro de ir ao SEF dizer que queria renovar o visto porque estava a estudar... a senhora ficou chateada... “como é que tu vens estudar com um visto de turista? isso não é possível...”, uma complicação muito grande, saí desmoralizado, mas a sorte é que não fui para lá depois do visto caducar, fui fazendo já algumas declarações, fui pensando, fui pensando, e decidi que ia para lá dizer que queria renovar o visto e não é para estudar, não é para nada, é como se estivesse a tratar de um assunto qualquer... fui para lá, a senhora pediu-me o extracto da conta bancária, lá mostrei, e depois renovou... muito bem... caducava em Abril... fui outra vez em Abril, renovei até Junho, qualquer coisa assim, mas não podia ficar até essa altura, então tive que solicitar a antecipação de exames a nível do mestrado para eu sair antes do visto caducar.” Sexo masculino – 30 anos - mestrado – entrevista 3.

Tudo se torna mais fácil se o estudante possuir dupla nacionalidade. Esta é requerida com carácter de urgência caso hajam laços sanguíneos que a possibilitem.

“Eu e o meu irmão Hugo somos portugueses, porque o pai é português e a mãe por ter casado com o pai ficou com a nacionalidade portuguesa, mas os dois irmãos mais velhos, quando nasceram ainda eram filhos de uma angolana, a minha mãe ainda era angolana na altura e o pai é angolano, mas cá em Portugal uma pessoa inicia o processo como residente estrangeiro, vai recebendo o carimbo todos os anos, no cartão de residência, tem de renovar pagar um “x”...de “x” em “x” anos a quantia que se paga..., e neste momento ele já tem um cartão de residência completo, já iniciaram o processo de nacionalidade, porque a mãe já é portuguesa e daqui a um ano no máximo eles já são portugueses também.” Sexo feminino – 23 anos – entrevista 4.

Ainda que estar em Portugal os aproxime do centro da circulação frenética estudantil europeia, ser angolano limitados, confrangedoramente, ao corredor aéreo Angola-Portugal-Angola tornado ainda mais estreito dadas as limitadas viagens de ida e volta (não se vá perder o visto). Isto apesar da globalização da economia e da especulação financeira internacionais na qual Portugal e Angola participam, a par com as demais nações.

## **6. Prolongamento dos estudos e/ou retorno a Angola**

A decisão (agencial) de prolongamento dos estudos em sucessivos processos de atribuição de bolsas de estudo, e de obtenção dos vistos respectivos, não se pode dissociar do processo (estrutural) de estabilização do processo de democratização de Angola e conseqüente aumento e reforço da segurança, e das perspectivas de assistência, e de conforto, que lhe estão associados.

Todos estes vinte estudantes que vieram para Portugal (e acentuamos a escolha do país pois, como vimos, os distingue social e politicamente dos que foram estudar por exemplo para Londres), quando postos perante a possibilidade de regressarem a Angola, obtido o diploma, vêem o regresso com optimismo.

“A maior parte regressa. Não digo que não há pessoas que vêm e ficam, mas a maior parte regressa.” Sexo masculino – 23 anos – Licenciatura – Entrevista 18.

“Essa é uma questão que temos discutido muito. Mas até aqui não encontramos solução para esse caso. Uns defendem que o governo deve adoptar medidas de incentivo ao regresso dos quadros, eu não defendo esse princípio. Eu defendo o seguinte princípio: nós é que temos de nos imbuir do espírito de regressar e contribuir para o engrandecimento do país. Devemos antes perguntar o que é que nós podemos fazer por Angola e não o que Angola poderá fazer por nós. Eu acho que é a única maneira de podermos, ...” Sexo masculino – 34 anos – licenciatura - entrevista 15.

Encontrando-se numa zona intermédia entre os grupos no topo e os que estão mais próximo da base da estrutura social, reconhecem-se como privilegiados; esta situação de privilégio justifica o retorno dos esforços neles investidos, em acções que tenham alcance colectivo, que beneficiem o seu país. Definem assim expectativas elevadas quanto às suas carreiras profissionais.

“Nós somos privilegiados. Nós temos de voltar para Angola, para dar a nossa contribuição, visto que nós tivemos esse privilégio. Temos uma espécie de responsabilidade acrescentada de, no nosso futuro, nós termos de ir para lá” – Sexo masculino – 25 anos – licenciatura – entrevista 6

De realçar no entanto que, ainda que queiram regressar a Angola, foram incapazes de precisar quando e como, havendo como que um tabu em relação a esta questão. Alguns admitem a possibilidade de obterem bolsas de mestrado e/ou de doutoramento, pós-doutoramento (dependendo do grau em que estão), prolongando a sua situação de estudantes-angolanos-em-Portugal até ao limite das suas possibilidades. Tentam recolher o melhor dos benefícios e direitos que a experiência de prolongamento das trajectórias escolares lhes proporciona.

### **Conclusões finais**

Portugal é uma das paragens ou passagens desse nomadismo estudantil como o foi doutros nomadismos anteriores. Mais do que a reabilitação nostálgica de alianças do passado, é hoje sobretudo para os estudantes angolanos no ensino superior português uma aproximação ao “centro” das decisões, da comunicação e da inovação tecnológica.

A vinda de estudantes angolanos para Portugal é o resultado de processos negociais onde se jogam interesses de ambos os países, correspondendo a uma sequência de cronologias políticas, ou seja, constituem-se em momentos a partir dos quais se redefinem visões do “outro” e de “si mesmo”. Uma boa articulação entre o processo de envio, ligado às estratégias individuais das famílias, e a construção de condições favoráveis à sua recepção em condições que os integrem verdadeiramente no espaço Europeu, afigura-se da maior importância no acompanhamento destes jovens, com ganhos óbvios para ambos os países.

Portugal talvez esteja a receber, comparativamente com outros países, os estudantes angolanos que melhor saberão aproveitar e enquadrar o capital escolar adquirido. O modo como foram educados inculcou-lhes um sentido de responsabilidade e de serviço que parece distingui-los dos filhos das velhas e actuais elites.

Por via da educação superior reinventam-se aproximações e partilhas que os políticos não previram, menos imaginaram. Em Portugal está-se próximo da Europa e dos centros da informação global. A articulação entre o processo agencial de envio e o processo estrutural de construção de condições de recepção afigura-se assim da maior importância na identificação das prioridades no acompanhamento político deste fenómeno.

Dado o reconhecimento desta situação, bem mais complexa do que os dados estatísticos evidenciam, esta deverá ser a base de ponderação das políticas de cooperação. Deverão ser ainda ponderadas as situações de marginalização destes jovens decorrentes quer dos ambientes juvenis universitários quer muitas vezes dos próprios métodos e conteúdos de ensino.

A questão que se põe é em que medida Portugal estará a saber aproveitar esta população estudantil móvel, fixando-a e reproduzindo-a (o mesmo será dizer não se deixando ser substituído por outros destinos), em benefício da sociedade portuguesa, do próprio sistema de ensino português e da aproximação aos países de envio como plataforma de transição e negociação entre diferentes mundos.

### **Referências**

- Camaroff, J. & Camaroff, (2005) J. Reflections on Youth from the Past to the Postcolony in Alcinda Honwana & Filip De Boeck (org.) *Makers & Breakers – Children & Youth in Poscolonial África*.
- Costa, Ana Bénard (2008a) *Estudantes moçambicanos em Lisboa: dinâmicas identitárias e processos de mudança social e cultural*. Comunicação apresentada in VI Congresso de Estudos Africanos no Mundo Ibérico: África, pontes, ligações e intercâmbios (no prelo).
- Costa, Ana Bénard (2008b). *Emigração de quadros, formação superior e desenvolvimento: o caso de Moçambique*, in *Revista Pro-Posições*. FE-UNICAMP (no prelo).
- Faria, Margarida Lima (2008a). *Formação Avançada de Estudantes Angolanos em Portugal: Problemáticas de Imigração e Questões de Cooperação* in *Actas do VI Congresso de Estudos Africanos no Mundo Ibérico: África, pontes, ligações e intercâmbios*. Las Palmas, Gran Canraia, 7 a 9 de Maio de 2008 (no prelo).
- Faria, Margarida Lima (2008b). *Estudantes angolanos em Portugal: estratégias políticas e trajectórias pessoais*. In *Actas1ª Conferência Internacional EIDAO'08: Angola: Ensino, Investigação e Desenvolvimento*. Universidade do Minho, 15 a 17 de Maio de 2008. (no prelo)
- Gomes, José Manuel S. 2002. *A Trajectória de estudantes universitários angolanos da Universidade Federal de Minas Gerais*.

Elias, N. (1993). *A Sociedade dos Indivíduos*. Publicações D. Quixote. Lisboa.  
Pais, J.M. (1993; 2003). *Culturas Juvenis*. Imprensa Nacional Casa da Moeda. Lisboa.  
Pinto, J. M. (2007). *Indagação Científica, Aprendizagens Escolares, Reflexividade Social*. Edições Afrontamento. Porto.  
Stoer, R. S. & Araújo, H. C. (1996). Quadros estruturais e a construção de “mapas de sentido” na semiperiferia. in José Machado Pais & Lynne Chisholm (org.) *Actas do Congresso Internacional Growing up between centre and periphery*. Instituto de Ciências Sócias. Lisboa.

## Fora de lugar: imigração internacional, educação e mobilidade

Neusa Maria Mendes de Gusmão  
UNICAMP – Brasil  
neusagusmao@uol.com.br

**Resumo:** Este trabalho trata de uma forma especial de migração, a migração temporária de estudantes africanos dos PALOP que buscam sua formação no Brasil e, nesse sentido, inscreve seu tema no âmbito da chamada Circulação Internacional<sup>1</sup>. A CI se impõe como recurso de análise e como desafio. Recurso, posto que os estudos relativos à CI, via de regra, privilegiam os deslocamentos de indivíduos pertencentes às elites locais e nacionais em busca de cumprir os desígnios de formação, qualificação e, principalmente, consolidação de um processo de ascensão social. Assim, a formação de um ou mais membros de um grupo familiar e social é parte do processo de aquisição e fortalecimento de um capital cultural (Bourdieu), capaz de colocá-los, a todos, numa escala superior de pertença social e de status. Estudos dessa natureza, em maioria, privilegiam grupos cuja realidade é típica dos hábitos das classes médias abastadas e das elites dos chamados países em desenvolvimento, entre estes, o Brasil. O desafio do presente estudo está em que se propõe a entender a CI de estudantes africanos que buscam por qualificação de nível superior no Brasil, como realidade histórica e política da conformação de novos Estados nacionais em África. A proposta, portanto, não olha, simplesmente, os estudantes em solo brasileiro, mas leva em conta a existência de relações supranacionais típicas de um mundo globalizado no interior de um jogo de relações que lhe é próprio. Assim, a CI com finalidade de estudo se faz no interior de um campo de poder que envolve a possibilidade da ascensão social e política para estudantes, famílias e grupos sociais diversos que ordenam por mecanismos singulares um campo de tensão entre sujeitos migrantes quando fora de seu lugar.

O pressuposto assumido é de que a questão dos estudantes africanos no Brasil não é um movimento de simples deslocamento de indivíduos entre um país de origem e um país de acolhimento. Trata-se de um contexto complexo em que os indivíduos que migram dentro desse processo de migração especial (Garcia, 2004) cumprem metas postas por seus países em termos do próprio desenvolvimento. No entanto, para os sujeitos envolvidos nos processos migratórios, tais metas podem ou não serem conscientes, dado que a migração ocorre, na maioria das vezes, num jogo aparente de individualidade, de escolha e projeto de âmbito restrito aos indivíduos e suas famílias. Como isso se realiza? Por que meios e quais os possíveis significados desse processo nas várias dimensões envolvidas?

### *Percursos e trajetórias entre projetos*

Diferentes percursos conduzem a vinda de africanos ao Brasil e seu ingresso nas IES<sup>2</sup> brasileiras, nesse sentido, a pesquisa realizada em Campinas, estado de São Paulo e em Porto Alegre, no Rio Grande do Sul, revelou entre estudantes dos PALOP, a presença de imigrantes e refugiados que se fazem estudantes e estudantes que migram com a finalidade de estudar no Brasil. Dois grupos de estudantes, ambos assemelhados, porém diferentes.

O debate se estrutura a partir da região de Campinas, no estado de São Paulo, em razão de estar nessa região, uma das maiores universidades públicas brasileiras que recebe estudantes estrangeiros, entre eles, os africanos. Trata-se da UNICAMP, cujo contingente estudantil de origem africana contempla a realidade do imigrante e refugiado que se faz estudante e do estudante propriamente dito, que mediante políticas do governo brasileiro (PEC-G e PEC-PG)<sup>3</sup> nela ingressam, em diferentes cursos e níveis, da graduação à pós-graduação, em busca de qualificação de nível superior.

Há em Campinas, um contingente de estudantes dos PALOP que estudam na UNICAMP, muitos dos quais residem na moradia estudantil da universidade ou em repúblicas de estudante e que aqui estão mediante acordos bilaterais de seus países com o governo brasileiro para qualificarem-se em programas de graduação ou de pós-graduação.

O contexto porto alegreense situa-se em área de realidade histórica, social e política diversa da de Campinas e do estado de São Paulo. Com isso, apresenta proximidades e distâncias da realidade campineira. Outros paralelos possíveis se constroem com relação a outras áreas urbanas no Brasil que também recebem estudantes africanos de língua portuguesa (Belo Horizonte; Florianópolis; Fortaleza, Rio de Janeiro, etc.). A discussão contempla, ainda, pesquisadores brasileiros que tratam academicamente em artigos, dissertações e teses, da presença de imigrantes africanos dos PALOP no Brasil com a finalidade de cruzar diferentes olhares e construir um mapeamento das formas de representação e vivência de africanos de língua portuguesa no contexto nacional, a partir do mundo acadêmico. Nesse sentido, considera, também, a produção

<sup>1</sup> Trata-se de processos de Circulação Internacional (CI) que podem ou não estar atrelado a acordos bilaterais de cooperação entre países e, portanto, dizem respeito a processos relativos a configuração dos estados nacionais emergentes em África.

<sup>2</sup> IES – Instituto de Ensino Superior. Envolve instituições públicas e privadas. Na pesquisa em andamento estão presentes, a Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), São Paulo; a Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), o Instituto Porto Alegre/Centro Metodista de Ensino (IPA), Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS) todas de Porto Alegre, Rio Grande do Sul

<sup>3</sup> PEC-G: Programa de Estudantes – Convênio de Graduação/PEC-PG: Programa de Estudantes –Convênio de Pós-Graduação